

António Torrado

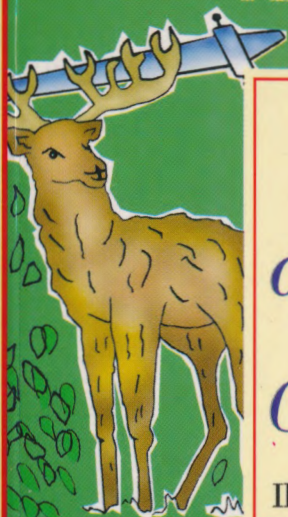
Doze de Inglaterra

seguido de

O Guarda-Vento

Ilustrações de Patrícia Fidalgo

CAMINHO



Nascer do Dia

e da Noite

António Torrado

*Doze
de Inglaterra*

seguido de

O Guarda-Vento

CAMINHO

Ilustrações de Patrícia Fidalgo

Livros do Dia



e da Noite

António Torrado

Doze de Inglaterra O Guarda-Vento

DOZE DE INGLATERRA

seguido de

O GUARDA-VENTO

Autor: António Torrado

Ilustrações: Patrícia Fidalgo

Design gráfico: José Serrão

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 2000

Tiragem: 2000 exemplares

Impressão e acabamento: SIG — Soc. Ind. Gráfica

Data de impressão: Janeiro de 2000

Depósito legal n.º 145 740/99

ISBN 972-21-1309-7

www.editorial-caminho.pt

Doze de Inglaterra

Doze de Inglaterra surgiu em 20 de Julho de 1976, no CV/O 14, no espaço-jardim de Tunes, numa produção da Comissão Teatra de Pesquisa.

Verde criou a encenação de João Maria Figueiredo de Castro Paulo, interpretados por Alexandre Lopes, Álvaro Correia, Afonso Sousa, Carlos Viana, Cristina Cavalcanti, Cecília Sousa, Vítor Lopes, Hugo Simões, Margarida Cardal, Mariana Clara, Miguel Sereno e Victor Sousa. Diálogo: Manuel de Jesus Teófilo Carde, Marjorie de Cecília Sousa, Luís Santos e Susana Adams.

A peça foi escrita no âmbito do Projecto de Apoio à Dramaturgia Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, do qual o autor foi beneficiário, no tempo entre 1995-1998, como dramaturgo residente convidado na Comissão Teatra de Pesquisa.

Doze de Inglaterra estreou em 20 de Julho de 1998, na EXPO'98, no espaço Jardim de Timor, numa produção da Comuna Teatro de Pesquisa.

Versão cénica e encenação de João Mota. Figurinos de Carlos Paulo. Interpretações de Alexandre Lopes, Álvaro Correia, Alfredo Brissos, Carlos Vieira, Cristina Cavalinhos, Cecília Sousa, Dina Lopes, Hugo Sequeira, Margarida Cardeal, Manuela Couto, Miguel Sermão e Victor Soares. Direcção Musical de José Pedro Caido. Marionetas de Cecília Sousa, Luís Santos e Susana Afonso.

A peça foi escrita no âmbito do Projecto de Apoio à Dramaturgia Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, do qual o autor foi bolseiro, na temporada de 1997-1998, como dramaturgo residente convidado na Comuna Teatro de Pesquisa.

Personagens (por ordem de entrada em cena):

Dama 1

Dama 2

Duque

Rei

Magriço

Cavaleiros

Cavaleiro 1

Vozes

Criatura 1

Criatura 2

Anão

Coro das Damas

Velho

Velho 2

Velho 3

Velho 4

Velho 5

Ninfas

Ninfa 1

Ninfa 2

Ninfa 3

Corça

Veado

Alce

Pregoeiro

Cena 1

Uma jovem dama medieval avança para o público, a gritar:

DAMA 1

Acudam! Acudam! Querem invadir o gineceu.

Outra jovem dama ainda mais aflita e trágica aparece e grita:

DAMA 2

Já invadiram! Rebentaram com as portas e violaram os aposentos privativos das damas da corte.

DAMA 1

E os guardas?

DAMA 2

Abandonaram as lanças e fugiram da própria sombra.

DAMA 1

Valha-nos Deus!

DAMA 2

Como é que Deus nos pode valer, se não há, na Terra, quem nos defenda? (*Chora*)

A Dama 2 sempre mais melancólica e histérica do que a Dama 1.

Um brutamontes ameaçador surge, roncando. Ébrio e alvar. As duas damas fogem. O brutamontes persegue-as.

DAMA 1

(*Acusadora, designando-o ao público*)

Foi ele.

DAMA 2

Ele e mais onze brutamontes.

DAMA 1

(*Recriminando o brutamontes*)

Os homens não podem entrar no gineceu.

DAMA 2

Nunca! Gineceu para as mulheres. Androceu para os homens.

DAMA 1

Assim é que foi sempre na Natureza...

DOZE DE INGLATERRA

DAMA 2

... e na corte inglesa!

O brutamontes persegue ora uma ora outra, roncando e soltando risos alarves.

DAMA 1

Dantes, os cavaleiros ingleses respeitavam as damas.

DAMA 2

Dantes, os cavaleiros ingleses não bebiam tanta cerveja.

DAMA 1

Dantes, os cavaleiros ingleses tocavam alaúde.

DAMA 2

(Quase a ser agarrada pelo brutamontes)

Dantes, os cavaleiros ingleses não tinham mau hálito. Largue-me!

O brutamontes consegue agarrar um véu que se desprende da Dama 2. As damas fogem, gritando, e saem de cena.

Entretanto, juntam-se ao 1.º brutamontes, mais brutamontes.

Cada um ostenta um troféu retirado dos aposentos privados das damas (peças de roupa, corpetes, adereços de

toilette, toucados, etc.). Comportamento grosseiro e fanfarrão. Riem, empurram-se mutuamente, roncam e grunhem.

O diálogo ininteligível entre eles, em que se percebe que cada um se gaba do respectivo troféu roubado às damas, começa a ganhar contornos de canção guerreira (como os ritmos de incitamento dos hooligans, nas bancadas dos estádios). Sonoridades desprovidas de sentido (do estilo: «batacom, batacom, batacom, tom, tom... Dikilau, dikilau, aguelô, bidon...»), mas com uma vibração selvagem de clã irresponsável e vitorioso.

Intensificação dos ritmos. Dança selvagem dos brutamontes.

Eles a chegar ao paroxismo da dança-canto-batuque e o velho Duque de Lencastre, imagem de dignidade, a entrar em cena. O Duque de Lencastre observa, reprovadamente, a dança dos brutamontes. Sem expressa deliberação, apenas à conta da veemência da dança, o Duque é empurrado e quase se desequilibra, mas não perde a compostura.

DUQUE

(Reprovador)

Então, senhores?! Sou o Duque de Lencastre.

Os brutamontes não ligam e continuam a dançar.

DUQUE

Senhores... Senhores...

A dança continua.

DUQUE

(Mais alto)

Nobres senhores do reino de Inglaterra!

Alguns param. A maioria continua a dançar.

DUQUE

(Ainda mais alto)

Altivos brasões das mais antigas casas senhoriais
do meu país.

Mais alguns param. Ainda há bastantes que dançam.

DUQUE

(Indignado)

Seus labregos!

Todos param. Resmungam, mas tomam um ar comprometido de escolares apanhados em falta.

DUQUE

Como se atreveram a molestar as damas da corte?

Resmungos. Por gestos passam culpas de uns para outros.

DUQUE

Tivesse eu metade da minha idade e eu próprio me encarregaria de vos castigar no campo de honra.

Risinhos de incredulidade dos brutamontes.

DUQUE

Só peço a Deus que a pranchada que vos armou cavaleiros caia de novo sobre os vossos ombros, para fulminar a vossa insolência.

Os brutamontes assustam-se com a maldição lançada pelo Duque e, resmungando, cabisbaixos, vão saindo.

DUQUE

(Monologando)

Desventurados tempos estes em que a flor da cavalaria inglesa cresce no meio do matagal.

Entram, desvairadas, as damas da corte.

DAMA 1

(Ajoelhando-se aos pés do Duque de Lencastre)

Protegei-nos, senhor Duque. Fomos ofendidas. A nossa honra tem de ser reparada.

DAMA 2

Eles são invencíveis, senhor Duque. Não há ninguém, em Inglaterra, que ouse enfrentá-los.

Duque medita.

DAMA 2

(Persistindo no tom melodramático)

Estamos desonradas...

DUQUE

Esperai. Em Inglaterra, são invencíveis, mas talvez, num país, onde lutei lado a lado com cavaleiros da estirpe de Cid e de Rolando, haja quem vos possa valer.

DAMA 1

Onde fica esse país?

DUQUE

Ao Sul.

DAMA 1

(Repetindo, evocativa)

Ao Sul...

DUQUE

Lancem aos céus o vosso apelo, que tão certo como